

JORNAL DO BRASIL

Negócios

FINANÇAS

- 1 DEZ 1991

JORNAL DO BRASIL

Clon - Brasil

A ciranda da inadimplência

● *Consumidores não compram, vendas caem, empregadores demitem e devedores não pagam*

Luiz Fernando Mello

Potencial consumidor até setembro deste ano, Mário Malheiros Ribeiro, desempregado, não compra hoje sequer uma peça de roupa. Gerente administrativo, trabalhava na Famma Turismo e Viagens, e seu salário, na época, girava em torno dos Cr\$ 120 mil. Junto com ele, a empresa demitiu outros 100 funcionários, que engrossaram a enorme massa de mão-de-obra ociosa, descapitalizada e candidata potencial à inadimplência.

Ao ser informado sobre mais estas demissões, Enio Bittencourt comentou apreensivo: "Isto reduz ainda mais nossas chances de sobrevivência." Bittencourt, além de proprietário da GMB Roupas, uma revendedora de uniformes e artigos esportivos, é presidente da Sociedade dos Amigos da Rua da Alfândega e Adjacências (Saara), no Centro da cidade. Segundo ele, a queda de 35% nas vendas, em outubro e novembro, consequência direta do arrocho salarial, obrigou a GMB a negociar com seus fornecedores redução de 70% no volume de encomendas acertado para dezembro.

Este ano, Bittencourt também reduziu em 50% o seu quadro de funcionários

rios e revelou que está fazendo "verdadeira alquimia" para compor formas de pagamento junto às indústrias. "Há um ano eu honrava os pagamentos com extrema pontualidade, mas desde agosto minha inadimplência chegou a 30%", acrescentou. Ele admite que sua empresa também corre o risco de se transformar em mais uma peça do *efeito dominó*. Expressão que Haroldo Maggi, sócio da Peat Marwick Dreyfuss Auditores e Consultores (KPMG), utiliza para identificar reação em cadeia no mercado, quando um credor, que também é devedor em outra ponta, entra em processo irreversível de insolvência.

Falência — Foi a ciranda de inadimplência que provocou a derrocada da Famma Turismo e Viagens e retirou do ex-funcionário Malheiros o *status* de consumidor potencial. Tradicional no ramo — chegou a operar para clientes como Camargo Correa, Tenenge Engenharia, Darrow Laboratórios e Igreja Universal do Reino de Deus — a Famma implodiu depois que a Prado Júnior Turismo, agência de pequeno porte, passou a intermediar parte de seus negócios. "A Prado Júnior faliu inesperadamente e não pagou um centavo sequer da dívida que contraiu em nome da Famma", con-

ta Antonio Sérgio Vaz Cavalcanti, presidente do Brasil-York, grupo que está investindo US\$ 300 mil para cobrir o rombo e reabilitar a empresa falida. A Toster S.A. Indústria de Vestuários, segundo Vaz, também deu um "considerável calote na Famma.

Cavalcanti revelou ainda, que o efeito cascata provocado pela inadimplência da Prado Júnior e Toster, somado ao "calote de vários figurões do *jet set*" (Cr\$ 30 milhões consumidos em viagens ao exterior e aluguel de limusines) fez desabar sobre os cofres da empresa de turismo e viagens dívidas de US\$ 100 mil. A quebra deira da empresa, por sua vez, atingiu por tabela os bancos Pontual, Dracman, Milbanco, Cédula Noroeste, além das locadoras Unidas, Rent a Car e Localiza, principais credores da empresa falida.

A mesma ciranda está colocando em péssima situação econômica a Tecidos Beck Gies S/A, desde 1979 uma das mais conceituadas empresas atacadistas do mercado carioca.

Outras vítimas — "O Plano Collor afetou gravemente nosso negócio", revelou uma executiva da Beck Gies, terceira maior atacadista em tecidos do país. "Primeiro as encomendas foram reduzidas em mais de 50%, em seguida choveram pedidos para dilatação

de prazos, finalmente, muitos clientes demitiram os profissionais de costura e fecharam suas portas sem mandar aviso. Com a violenta redução do poder de liquidez, a triste irrealidade dos custos financeiros e o desaparecimento do consumidor, não restou outra alternativa para os confeccionistas", acrescentou.

A La Belle Bambini Confecções Ltda é outra vítima recente do *efeito dominó*. Só está aguardando acordo com credores para fechar de vez as portas. A informação é da costureira Luci Francisca dos Santos, demitida pela empresa em outubro. Tratando de garantir o recebimento de seu seguro-desemprego, Luci, mais uma pedra do *dominó*, fazia questão de isentar seus ex-empregadores. "Se o povo parou de comprar, como poderiam continuar nos pagando?", perguntou.

Instalada em Copacabana, bairro carioca, que há três anos era um dos maiores núcleos de confeccionistas do país, a estilista Zenith Tavares de Araújo, proprietária da ZR Indústria de Roupas, conta que só está sobrevivendo porque "espremeu" sua margem de lucro, não vende fiado e injetou recursos pessoais na empresa. "Cerca de 80% das confecções que se concentravam aqui, fecharam as portas", afirmou.